

FENOMENOLOGIA E PÓS-FENOMENOLOGIA: ALTERNÂNCIAS E PROJEÇÕES DO FAZER GEOGRÁFICO HUMANISTA NA GEOGRAFIA CONTEMPORÂNEA

Phenomenology and post-phenomenology: alternations and projections of the geographical humanist doing on contemporary geography

Eduardo Marandola Jr.¹

RESUMO

A abordagem fenomenológica em geografia consolidou-se nos últimos anos na geografia brasileira como uma das vertentes do horizonte humanista ou cultural. O artigo objetiva discutir as possibilidades e transformações recentes e o papel de uma abordagem fenomenológica (e pós-fenomenológica) na geografia contemporânea. Para isso, inicia pela compreensão do contexto de emergência desta abordagem e suas ligações com a geografia humanista anglo-saxônica e com os estudos de percepção do meio ambiente, passando pelos desdobramentos da fenomenologia: o pós-estruturalismo e a pós-fenomenologia.

Palavras-chave: Geografia brasileira. Geografia humanista. Fenomenologia geográfica. Pensamento geográfico. Epistemologia da geografia.

ABSTRACT

The phenomenological approach in geography has established itself in recent years in the Brazilian geography as one of the aspects of the humanist or cultural horizon. The paper discusses the recent transformations and the role of a phenomenological approach (and post-phenomenological) in contemporary geography. It begins by understanding the context of the emergence of this approach and its influence for the Anglo-Saxon humanist geography and the study of perception of the environment, through the unfolding of phenomenology: post-structuralism and post-phenomenology.

Keywords: Brazilian geography. Humanist geography. Geographical phenomenology. Geographical through. Epistemology of geography.

¹ Professor da Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA) e do Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Geociências (IG). Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). eduardo.marandola@fca.unicamp.br.

✉ Faculdade de Ciências Aplicadas da Unicamp. R. Pedro Zaccaria, 1300. Caixa Postal 1068. Limeira, SP. 13484-350.



GEOGRAFIA CONTEMPORÂNEA: PLURALIDADE E REORGANIZAÇÕES

Vivemos um momento muito interessante da geografia no Brasil. As tensões mais fortes que passamos entre os campos e tendências parecem ter se arrefecido, mas é seguro afirmar que nunca a geografia esteve tão aberta a novos temas, tendências, abordagens e ao diálogo interdisciplinar. E isso se manifesta, por exemplo, na contínua e renovada atenção que a geografia humanista recebeu nos últimos 10 anos e, como procuro mostrar a seguir, um reposicionamento dela no mapa da geografia brasileira contemporânea.

A primeira questão que se coloca, para poder avaliar as tendências e o cenário contemporâneo, é “**que é geografia humanista, hoje?**”. Para isso, será necessário voltar um pouco e pensar no sentido deste rótulo quando surgiu, na geografia estadunidense, tentando entender, a seguir, a especificidade do caminho que esta tomou no Brasil. Essa é a parte em que me deterei mais, para projetar algumas ideias sobre o contexto atual, tanto sobre a mudança da leitura e visibilidade deste movimento entre o conjunto dos geógrafos brasileiros, quanto pelas mudanças propriamente de temário e orientação.

Faço esse caminho do ponto de vista da construção dos temas e com um olho voltado para a inserção e papel da fenomenologia neste processo, pois, em minha opinião, é ela que fornece uma especificidade e possibilita uma renovação epistemológica da geografia no interior do movimento humanista, o que implica dizer, de imediato, que nem toda geografia humanista é fenomenológica.

O texto está organizado em três momentos:

- O papel da fenomenologia no movimento da geografia humanista estadunidense
- Projeções da geografia humanista na geografia brasileira: reajustes recentes

- Fenomenologia e além: pós-estruturalismo, a virada cultural e a pós-fenomenologia

O PAPEL DA FENOMENOLOGIA NO MOVIMENTO DA GEOGRAFIA HUMANISTA ESTADUNIDENSE

A chamada geografia humanista foi um movimento de renovação da geografia que eclodiu nos Estados Unidos e Canadá nos anos 1970, possuindo antecedentes explícitos desde os anos 1960. Buscava uma reaproximação da geografia com as humanidades, no contexto de busca de alternativas ao neopositivismo e às tendências de quantificação predominantes na época. Na esteira do grande debate teórico e metodológico promovido pela Nova Geografia, alguns geógrafos voltaram-se para a literatura, a história, os estudos culturais, a psicologia e sobretudo a filosofia, buscando renovar epistemologicamente a geografia com valores humanistas: a crítica da época era que a geografia, ao buscar ser ciência, estava deixando de ser humana.²

Nesse contexto a fenomenologia é pela primeira vez incorporada de forma sistemática ao *corpus* geográfico, na condição de uma filosofia capaz de atender a alguns destes anseios, inserindo questões como mundo vivido, ou mundo da vida da filosofia husserliana (*Lebenswelt*), a ideia de habitar (*dwelling*) da fenomenologia existencial de Martin Heidegger e especialmente a ideia de experiência geográfica, desdobramento das ideias anteriores e de princípios fenomenológicos (LOWENTHAL, 1961; BUTTIMER, 1974; 1976; RELPH, 1977; 1985). Todas essas ideias fenomenológicas conduziam os geógrafos a pensarem e redesenharem a noção, ou essência de lugar, que se

² Há uma qualificada bibliografia que documenta e analisa com vagar este processo, entre as quais destaco Ley (1981; 1985); Rowntree (1987; 1988); Amorim Filho (1978; 1987; 1999), e a mais completa delas, Holzer (1992; 1996).

tornou o grande baluarte desta renovação, com destaque à tese de doutorado de Edward Relph, de 1973, que se tornou o clássico “Place and placelessness” (RELPH, 1976; 2010), e dois dos primeiros livros de Yi-Fu Tuan, “Topofilia” (1974) e *Espaço e lugar* (1977)³.

Outra via que fortalecia essa tendência vinha dos estudos perceptivos, da preocupação com a consciência e a percepção do espaço ou ambiente, numa aproximação com os estudos urbanos e ambientais que procuravam formas de inserir a perspectiva do sujeito nos processos de planejamento e preferências ambientais, na linha dos estudos sobre a percepção da imagem urbana inaugurados por Kevin Lynch e que também bebiam das investigações sobre perigos naturais e preferências ambientais (LYNCH, 1960; 2003; WHITE, 1964; DOWNS, 1970; DEL RIO; OLIVEIRA, 1996).⁴ A fenomenologia também foi buscada nestes estudos (especialmente M. Merleau-Ponty), embora tenha havido, ao menos nos anos 1970, a predominância de perspectivas psicológicas e/ou comportamentalistas. Deste ramo, os geógrafos resignificaram a ideia de paisagem, trazendo-a da geografia francesa ou alemã, como fundamental para entender a relação homem-meio a partir da percepção geográfica e da construção dos valores e das atitudes num contexto histórico e cultural (LOWENTHAL, 1975; 1978; MEINING, 1979).

O que se constitui como geografia humanista, portanto, compunha uma gama de esforços isolados e/ou pouco articulados que era marcado pela busca de alternativas aos limites epistemológicos impostos à época. Nos primeiros anos, inclusive, compunham, junto com as tendências marxistas, o que era denominado então de geografias alternativas, ou radicais (AMORIM FILHO, 1978).

³ No caso dos livros de Tuan, as ideias fundamentais já haviam sido expostas em textos anteriores, até mais de uma década antes (TUAN, 1961, 1975a).

⁴ O livro editado por David Lowenthal, *Environmental perception and behavior*, de 1967, reunia os expoentes e perspectivas deste movimento (LOWENTHAL, 1967).

O rótulo “geografia humanista” assumiu ares de subcampo a partir das publicações de meados dos anos 1970, especialmente com o artigo “Humanistic geography”, publicado por Yi-Fu Tuan no *Annals of the Association of American Geographers*, em 1976, e com a coletânea homônima publicada por David Ley e Marwyn Samuels, em 1978 (TUAN, 1976; LEY; SAMUELS, 1978). Ainda em 1976, outros geógrafos do movimento, como Anne Buttimer (BUTTIMER, 1976), Edward Relph (RELPH, 1976) e J. Nicholas Entrikin (ENTRIKIN, 1976), também publicaram importantes textos e livros marcando este capítulo da história da geografia. O que estava acontecendo era algo extraordinário, pois estava se estruturando um terceiro horizonte epistemológico na geografia, que a partir de então passa a ser compreendida por diferentes autores como tríplice: um horizonte neopositivista, ou lógico formal; um marxista, da teoria crítica; e um humanista, ligado às filosofias dos significados (GOMES, 1996; MONTEIRO, 2002; CLAVAL, 2002).

A marca principal desses escritos é a busca da fenomenologia como base para a renovação da geografia. Mesmo Tuan, que ao longo de sua carreira não se esforça continuamente a construir uma geografia fenomenológica, indica a importância da fenomenologia de forma direta no texto “Humanistic geography” (TUAN, 1976), além de dedicar um texto especificamente a ela: “Geography, phenomenology and the study of human nature” (TUAN, 1971), no qual, inclusive, identifica na fenomenologia as bases para sua interpretação clássica de lugar, diferenciando-o do espaço pela sua dimensão experiencial.

Outra marca importante do papel da fenomenologia neste movimento, e sua centralidade, está na referência primeva em Eric Dardel e seu tratado “O homem e a terra: natureza da realidade geográfica” (DARDEL, 2011), reconhecidamente a primeira obra de uma geografia fenomenológica (original em francês de 1952). Há indícios significativos de que este livro foi uma das sementes de todo o

movimento humanista, embora não tenha sido citado sistematicamente. Holzer (2010a) defende que isso teria acontecido em Toronto (local de trabalho de Relph e por onde também esteve Buttner, por exemplo), no bilingue Canadá, onde a bibliografia francesa circulava com maior facilidade naquela época de predominância de abordagens da Nova Geografia, de matriz anglo-saxã. Este encontro teria se dado durante a pesquisa para a tese de doutorado de Relph (defendida em 1973), pois em textos anteriores e que investigam diretamente a relação entre geografia e fenomenologia, como Relph (1970) e Tuan (1971), não há menção a Dardel, fato que se torna corriqueiro e explícito na obra de Relph desde a sua tese (1976a, b; 1979).

Ao considerarmos os geógrafos deste movimento, incluindo outros como David Seamon e os ingleses David Lowenthal e Douglas Pocock, constatamos que praticamente nenhum deles tinha sua carreira orientada para a discussão fenomenológica. Na verdade, o que acontece nos anos subsequentes, especialmente no final dos anos 1980, é um esfriamento do movimento, com os autores ocupados com outras agendas (sustentabilidade, preservação ambiental, paisagem, estudos de população, urbanização, literatura, entre outros), tendo a fenomenologia ou a própria geografia humanista um papel quase paralelo em seu trabalho. Do ponto de vista contextual, aquela já era uma época de prevalência das discussões marxistas, em que uma agenda mundial em torno ou do subdesenvolvimento ou da geopolítica (com o mundo em constante ameaça pelas instabilidades da política mundial no bojo da guerra fria) impunha muita pressão sobre a pauta acadêmica.

Dos geógrafos daquele movimento, Edward Relph é, em minha opinião, quem de forma mais sistemática e continuada se dedicou a uma geografia fenomenológica. Relph contribuiu muito com reflexões

sobre lugar, paisagem e ontologia geográfica, especialmente a partir de Heidegger (RELPH, 1977; 1979; 1985; 1989; MARANDOLA JR., 2013), continuando ainda nesta senda, mesmo após sua aposentadoria na Universidade de Toronto.

Os anos 1990 trouxeram a renovação ou reativação da Geografia Cultural (JACKSON, 1989), e o contexto da globalização em construção, com as demandas sobre novos localismos, discussões sobre identidades, as guerras culturais, abordagens feministas e assim por diante foram a grande novidade na geografia anglo-saxônica (MacDOWELL, 1996; MITCHELL, 2000). Aqueles geógrafos do movimento humanista já não se caracterizam enquanto tais, colocando suas questões e problemáticas nestes novos contextos, sejam nos estudos ambientais, urbanos ou de embates e mudanças culturais. A fenomenologia permanece especialmente no redesenho da ideia de lugar e de paisagem, por exemplo, mas não ocupa o centro da construção teórico-metodológica desses autores, nem é objeto de dedicação específica em termos de aprofundamento e desdobramento epistemológico. O projeto de uma geografia fenomenológica, portanto, nem chega a ser claramente esboçado.

Geógrafos antes autodenominados humanistas passaram a referir-se a si mesmos como geógrafos culturais, como o próprio Tuan (2004)⁵, pois esta se tornou a alcunha do terceiro horizonte da geografia, aquele interpretativo, dos significados, dos valores.

Mas uma coisa muito interessante é perceptível nessa época. Como a geografia humanista trouxe a fenomenologia para repensar

⁵ O caso de Tuan é emblemático, por ser um dos principais autores do movimento humanista, apesar de sua clara opção por não construir uma teoria sistemática, no sentido de buscar construir um campo de investigação no modelo de um paradigma. Além de ceder ao "guarda-chuva" vigente nos anos 1990, ele retoma o conceito humanista agora no início da primeira década dos anos 2000, com seu livro "Humanist geography", abrindo mão, inclusive, do antigo termo utilizado, *humanistic* (TUAN, 2012a).

a epistemologia geográfica e como muitos autores não a tinham em si como seu principal tema de investigação, ela aparece muito significativamente como abordagem, não se fechando sobre temas específicos. Em vista disso, mesmo que a geografia humanista, como movimento, já não existisse claramente, suas preocupações estavam sendo incorporadas em vários campos e temáticas da geografia, pois foi carregada pelos geógrafos enquanto abordagem metodológica ou conceitual, especialmente pelas discussões sobre lugar e paisagem.

Por conta desse processo, a geografia humanista, como um todo, não se aprofundou na fenomenologia ao ponto de construir ou propor uma geografia fenomenológica. Os geógrafos deste movimento escavaram até certo ponto (com a exceção de Relph), e diante de dificuldades inerentes de se incorporar um sistema filosófico heterodoxo como a fenomenologia ao fazer científico, satisfizeram-se com a renovação conceitual que haviam conseguido e com as aberturas que se constituíram. Uma conclusão comum a autores como Entrikin (1976), Buttimer (1976) e Tuan (1976) era que a fenomenologia era mais útil como uma orientação, como uma postura, e que ela teria limites muito claros, especialmente para a operacionalização de pesquisas empíricas. Esta situação, sem dúvida, também colaborou para o arrefecimento do movimento e sua não perenidade nos países anglo-saxões.

Considero esta perspectiva completamente superada atualmente, com avanços e pesquisas suficientemente consistentes que mostram que a hesitação na época era circunstancial, talvez fruto do próprio estado da pesquisa fenomenológica, que ainda carecia de muitas traduções e conhecimento de textos-chave de Husserl e Heidegger, por exemplo, cuja possibilidade de pensamento espacial em ambos ainda era embrionária ou simplesmente inexistente.

PROJEÇÕES DA GEOGRAFIA HUMANISTA NA GEOGRAFIA BRASILEIRA: REAJUSTES RECENTES

No Brasil, os tempos desses processos são um pouco distintos, pois não houve especificamente um movimento humanista organizado e forte nos anos 1970 ou 1980. O que assistimos, no caso brasileiro, foram repercussões pontuais a partir daquele eixo original do movimento humanista: a percepção do meio ambiente, especialmente ligada ao grupo da Universidade Estadual Paulista (UNESP) de Rio Claro (SP), liderado pelas professoras Lívia de Oliveira e Lucy P. Marion Machado (MARANDOLA JR.; GRATÃO, 2003; AMORIM FILHO, 2006).

Recebemos notícias deste novo horizonte geográfico nos efervescentes anos 1970, especialmente com os textos traduzidos de Tuan (1975b), Gallais (1977), Relph (1979), Entrikin (1980). Essas novidades frutificaram para um público mais amplo apenas no início dos anos 1980, com a publicação dos livros de Tuan (1980; 1983) e os artigos traduzidos e publicados no influente livro organizado por Antonio Christofolletti, "Perspectivas da geografia", de 1982.⁶

Embora entre os artigos traduzidos e publicados no Brasil haja claramente a menção e a importância da fenomenologia, como os de Relph (1979), Buttimer (1982) e Tuan (1982), é pela percepção do meio ambiente (naquela época, chamada por muitos de geografia da percepção⁷) que a geografia humanista ficará conhecida nacionalmente. Há três motivos principais para isso:

1) O papel de "Topolifia", o clássico de Yi-Fu Tuan, que tem como

6 São estes: "Apreendendo o dinamismo do mundo vivido", de Buttimer (1982); "Geografia, experiência e imaginação: em direção a uma nova epistemologia geográfica", de Lowenthal (1982); "Geografia Humanística", de Tuan (1982).

7 "Geografia da percepção" é um termo preterido à "percepção do meio ambiente", ou "percepção geográfica", por sua identificação com abordagens comportamentalistas, de um lado, e pelo seu sentido ligado à ideia de que a percepção teria uma geografia. A qualificação "geográfica" à percepção é mais coerente tanto para uma abordagem genética, via Piaget, quanto para uma perspectiva fenomenológica a partir de Merleau-Ponty, por exemplo.

subtítulo a menção à percepção e ao meio ambiente, foi e continua sendo uma das portas de entrada para essa discussão, tanto para geógrafos quanto para não-geógrafos (TUAN, 2012b);

- 2) A importância do grupo de Rio Claro, especialmente Livia de Oliveira e Lucy Marion Machado, que se constituíram como a mais significativa manifestação desses estudos no país até o início dos anos 1990, e que era conhecido como estudiosos da percepção do meio ambiente ou percepção geográfica (MARANDOLA JR.; GRATÃO, 2003; AMORIM FILHO, 2006);
- 3) Os textos e livros sobre história do pensamento geográfico cristalizaram este momento específico da entrada desses temas no Brasil, reduzindo a geografia humanista aos estudos de percepção e do comportamento, ajudando assim a consolidar uma imagem que ainda hoje é presente no imaginário geográfico brasileiro (SANTOS, 1978; ANDRADE, 1992).

Até esse momento, a fenomenologia é apenas pontualmente ou marginalmente significativa no trabalho dos geógrafos, não aparecendo na imagem da geografia feita no Brasil. Isso se reflete no que se escreve e discute sobre a geografia brasileira até meados dos anos 2000: a fenomenologia é algo marginal, que aparece parcial ou raramente, sem clareza de seu papel ou potencialidade. É comum a simplificação, por exemplo, dos estudos fenomenológicos aos estudos de percepção. Mesmo a geografia humanista é algo difuso e não nomeado. O que realmente está presente é a geografia da percepção e do comportamento, não raro de forma pejorativa, pelo que remetem de suas ligações com abordagens neopositivistas, e que não refletem, necessariamente, o que é feito no Brasil.

Um exemplo ilustrativo é o texto “Tendências atuais da geografia brasileira”, de Manuel Correia de Andrade, que produziu numerosas avaliações desse tipo, especialmente nos anos 1980 (ANDRADE, 1985). No único parágrafo dedicado a essa tendência, lemos:

Uma terceira tendência, de origem Kantiana e influenciada pelas ideias da Geografia Cultural de Sauer, começa a penetrar no pensamento geográfico brasileiro, o da chamada geografia da percepção, através do trabalho desenvolvido pela geógrafa Livia de Oliveira, que recentemente traduziu duas obras do geógrafo Yi-Fu Tuan. Entre os adeptos da nova tendência sobressaem-se antigos militantes do quantitativismo. (ANDRADE, 1985, p.21)

Vários aspectos são expressos nesse pequeno parágrafo: o papel de Livia de Oliveira e dos livros de Tuan, a identificação inicial com a geografia da percepção e a imprecisão no reconhecimento das origens do movimento, ligando-o ao mesmo tempo ao kantismo (o que só poderia ser visto como meia verdade) e a geografia cultural saureana, que certamente serviu de fundamento para a geografia humanista (HOLZER, 1992), mas não fazia parte do repertório dos trabalhos dos geógrafos brasileiros naquele momento.

O trecho atesta, adicionalmente, o que se via em qualquer esforço de sistematização das tendências da geografia brasileira até meados dos anos 2000: não há menção explícita à orientação fenomenológica, nem o reconhecimento frequente do papel dela no horizonte humanista. Isso se dava pela falta de conjunto que os trabalhos já existentes apresentavam, representando esforços isolados de investigação, pois até o final da década de 2000, já contávamos com alguns trabalhos significativos, como os de Werther Holzer (HOLZER, 1992; 1998), João Batista Ferreira de Mello (MELLO, 1991; 2000) e Solange Terezinha de Lima (LIMA, 1996), além das contribuições pontuais mas pioneiras de Armando Correia da Silva (SILVA, 1986), e as reflexões epistemológicas

de Oswaldo Bueno Amorim Filho (AMORIM FILHO, 1987; 1999). Em vista disso, prevalecia ainda, na historiografia e epistemologia da geografia, uma leitura da geografia da percepção, e os traços humanistas ficam a ela ligados.

Somente ao longo dos anos 2000, com carona na renovação da geografia cultural é que alguns desses autores tiveram projeção ampliada para além de seus textos, potencializando a reunião e formação de um grupo de pesquisa em torno da abordagem fenomenológica e da geografia humanista, explicitamente. Isso acontece na segunda metade dos anos 2000, embora com alguns movimentos anteriores de preparação, como o Simpósio Nacional sobre Geografia, Percepção e Cognição do Meio Ambiente, realizado em Londrina (PR), em 2005⁸. O **Grupo de Pesquisa Geografia Humanista Cultural (GHUM)**⁹ foi fundado em 2008, estando sediado na Universidade Federal Fluminense, com alguns desses atores envolvidos, direta ou indiretamente, os quais passaram a interagir de forma mais sistemática na segunda metade da primeira década dos anos 2000.¹⁰

Diferente da geografia humanista, a renovação da geografia cultural ocorre com força e de forma visível no Brasil, apenas com um pequeno hiato em relação aos países anglo-saxões, embora com origens e inspiração francesas. Ao final da década de 1990 esse movimento de renovação torna-se nacionalmente perceptível, na forma de simpósios e publicações do Núcleo de Estudos sobre Espaço e Cultura, da

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Essa renovação, que epistemologicamente bebe da geografia humanista estadunidense (HOLZER, 1992; 1996; 2001; 2005; MELLO, 2001; 2005), dá visibilidade a autores brasileiros que construíram suas dissertações de mestrado e teses de doutorado ao longo dos anos 1990 focadas de forma explícita na fenomenologia: Werther Holzer e João B. F. de Mello, sobretudo.

Os contínuos eventos e a consolidação da geografia cultural consolida o espaço do terceiro horizonte na geografia brasileira, até então quase inexistente. Neste espaço aberto, o projeto de uma geografia fenomenológica no Brasil é retomado e passa a ter visibilidade suficiente tanto para atrair novos interessados quanto para reunir aqueles que, isoladamente, haviam ao longo dos anos 1990 e início dos 2000 buscado tal orientação.

Essa retomada, em pleno desenvolvimento nos últimos 10 anos, produziu um Seminário Nacional sobre Geografia e Fenomenologia (em 2013 chegando à sua quarta edição), novas publicações e uma rearticulação nacional do tema, até então disperso. Um dos resultados é a ampliação e difusão do interesse específico pela fenomenologia no pensamento geográfico, realizando uma religação entre o movimento humanista estadunidense dos anos 1970, os estudos brasileiros sobre percepção do meio ambiente, ambos ainda muito presentes no imaginário dos geógrafos brasileiros, com estes esforços fenomenológicos.

O resultado é muito interessante para pensar. Se até os anos 1990, o máximo que esse horizonte de pensamento recebia nos manuais ou avaliações de história do pensamento geográfico era uma menção aos estudos sobre percepção do meio ambiente oriundos da UNESP de Rio Claro, nos últimos anos cresce o reconhecimento da abordagem fenomenológica da geografia como um campo consolidado e ativo da geografia feita no Brasil. Mais do que isso, ela aparece nominalmente,

⁸ Realizado em Londrina, em 2005, este evento reuniu muitas das pessoas que tinham ligação com os estudos de percepção do meio ambiente e geografia humanista (<http://geografiahumanista.wordpress.com/eventos/simposio-nacional-sobre-geografia-percepcao-e-cognicao-do-meio-ambiente/>).

⁹ <<http://geografiahumanista.wordpress.com/>>

¹⁰ Outros grupos também se formaram nesta época, mas salvo o recente NeghaRIO (Núcleo de Estudos sobre Geografia Humanística, Artes), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, os demais grupos adotaram um leque maior de abordagens e interesses no horizonte humanista cultural, com ênfase ao cultural, não privilegiando de forma explícita a fenomenologia ou a geografia humanista, embora em constante diálogo com elas.

como o eixo principal, ou seja, como a imagem que esse horizonte está recebendo (paralelamente ao corpus da geografia cultural, que se encontra estabelecida e difundida em vários centros pelo país).

Isso acontece, de um lado, por essa renovação e retomada da discussão da fenomenologia, a qual radicaliza e dá continuidade ao esforço humanista dos anos 1970, e de outro, pela postura de pensar a fenomenologia na contemporaneidade, não hesitando em aplicá-la em estudos empíricos. Há o desenvolvimento de metodologias de trabalho de campo e o esforço de pensar os vários ramos da fenomenologia e suas consequências para a experiência no mundo atual (GRATÃO, 2002; MARANDOLA JR., 2005; 2008; CHIAPETTI, 2009; DE PAULA, 2010; HOLZER, 2010b; REIS, 2013). Não há dúvida de que a ideia de lugar é a principal responsável por isso, sendo nítido nos textos dos geógrafos o reconhecimento de uma “abordagem fenomenológica do lugar”, enquanto algo a ser levado em consideração, independente da sua filiação teórica (MARANDOLA JR., HOLZER, OLIVEIRA, 2012).

Em outras palavras, ao invés de uma subcorrente do pensamento geográfico, apresenta-se como esteio metodológico e epistemológico (às vezes até ontológico), para o enfrentamento de temáticas variadas, a partir de uma perspectiva de ciência humanista contemporânea (HOLZER, 2010c; MARANDOLA JR., 2012).

Por que essa mudança de ênfase na fenomenologia é importante? Primeiramente, porque podemos identificar uma mudança na institucionalização desse horizonte na geografia brasileira: o que somos acostumados a chamar de geografia humanista, especialmente pela continuidade que identificamos com esses movimentos dos anos 1970, e que por muitos anos teve uma conotação muito negativa nas demais áreas da geografia, ora vista como não-científica, ora como não-política, hoje parece ter conseguido seu espaço. Isso tem acontecido especialmente pelo esforço epistemológico de continuar

o trabalho iniciado, e não acabado, pelos geógrafos humanistas de constituir uma **geografia eminentemente fenomenológica**, razão pela qual o termo fenomenologia, anteriormente não representativo deste coletivo no Brasil, hoje o é.

O segundo motivo é para marcar a diferença da forma como esse processo aconteceu na geografia anglo-saxã, a qual abandonou (ou aposentou) o termo geografia humanista há bastante tempo (nós não encontramos geógrafos humanistas, ou sessões de geografia humanista nos encontros da *Association of American Geographers* ou da *Royal British Society*), em prol da adesão ao movimento cultural. Se de um lado isso é sintomático de que geografia humanista era um movimento de renovação, e enquanto tal cumpriu seu papel naquela época e depois foi posto de lado, de outro, a adesão à geografia cultural, algo abrangente o suficiente para representar, lá fora, o horizonte interpretativo da geografia, custou a interrupção do projeto fenomenológico, que ficou descontinuado por muito tempo, já que o movimento cultural não incorpora de forma central a fenomenologia.

Em vista disso, enquanto no Brasil a retomada do projeto fenomenológico ocorre já no início dos anos 1990, isso só acontece na Inglaterra e nos Estados Unidos em meados dos anos 2000, mas com a alcunha de **pós-fenomenologia**, já no contexto pós-estruturalista e com a virada cultural plenamente consolidada.

O breve exame desse contexto é a última parte deste texto, apresentando-se ainda mal delineado, por ser o período pelo qual passamos agora.

FENOMENOLOGIA E ALÉM: PÓS-ESTRUTURALISMO E PÓS-FENOMENOLOGIA

A retomada da fenomenologia que tem acontecido nos últimos anos está ligada, na geografia mundial, a dois movimentos: à **pós-**

fenomenologia e ao pós-estruturalismo. Examinemos primeiramente o segundo deles.

Muito ligado às leituras deleuzianas, especialmente no contexto dos estudos culturais e das artes, a fenomenologia foi reintroduzida na geografia por esta via, no contexto dos estudos sobre imagem preocupados com as consequências das novas tecnologias e seu impacto no sujeito. É o esforço de entender as novas geografias num mundo em movimento, incerto, fluido, telepercebido, de comunicação intensa e de relações interpessoais escorregadias, efêmeras, errantes. Isso reverbera num forte questionamento sobre o sentido de lugar e a possibilidade dos processos de subjetivação e construção de identidades (MASSEY, 2008; RELPH, 2012).

No Brasil, especialmente no final da primeira década de 2000, aparecem grupos que buscam tais orientações pós-estruturalistas, os quais não se identificam com essa geografia humanista dos anos 1970, nem com os estudos perceptivos; estes buscam um caminho pelos estudos das imagens, da linguagem, da arte e da educação (CAZETTA; OLIVEIRA JR., 2013). Ideias como deriva, desvio e todo um repertório do pensamento pós-estruturalista influenciam um pensamento criativo que dialoga diretamente com a arte como forma de expressão de geografias menores, de narrativas não hegemônicas (OLIVEIRA JR., 2009).

O papel da fenomenologia aqui, no entanto, é pouco ou nada importante, justamente pelo sentido da superação que Deleuze introduz em relação à fenomenologia do século XX, especialmente em relação à questão do sujeito em Husserl (DELEUZE, 1974; 1992). Embora o pós-estruturalismo deleuziano seja um claro desdobramento da fenomenologia, há um aparente descolamento do projeto fenomenológico, próprio do sentido escorregadio de seu pensamento e do diagnóstico quase diacrônico que realiza sobre o sujeito na

modernidade. Não há, portanto, clareza sobre potenciais conexões entre o projeto fenomenológico geográfico e estas tendências pós-estruturalistas, embora haja um nítido sentido de superação adotado pelos segundos, especialmente numa negativa de qualquer sentido de lugar enraizado num senso identitário que seja ancorado em uma memória ou identidade permanente, enraizada (OLIVEIRA JR., 2012).

A **pós-fenomenologia**, ao invés de romper ou superar a fenomenologia, como na proposta deleuziana, inclui “pós” antes de “fenomenologia” para chamar a atenção para a necessidade de pensar a fenomenologia no contexto atual, ou seja, fazer da fenomenologia uma filosofia do século XXI (IHDE, 2009).

Conforme lembra Adams (2007), a fenomenologia sempre foi um campo diversificado e não-ortodoxo (heterodoxo) dos fundamentos de Husserl, ou seja, já seria uma pós-fenomenologia em si, se considerarmos o projeto original do mestre alemão. Se a fenomenologia husserliana estava ocupada das questões do sujeito e da consciência, em seu projeto transcendental, a pós-fenomenologia amplia este escopo em direções inesperadas, transformando e em alguns casos radicalizando os temas fenomenológicos, como o fizeram P. Ricoeur, C. Castoriadis, N. Luhmann e J. Derrida, tornando a fenomenologia (pós), segundo Adams (2007), um campo bastante heterogêneo de reflexão. Para a autora, M. Merleau-Ponty seria a ponte entre a fenomenologia e a pós-fenomenologia, a qual estaria se abrindo para a confrontação antrópica com o mundo (e sua articulação cultural) como um contexto de significados trans-subjetivo que demanda permanente elucidação e interrogação. De outro lado, é M. Heidegger que abre caminho para a reflexão sobre a espacialidade e as questões ontológicas na era da técnica, inclusive no campo da corporeidade.

Uma nova geração de geógrafos, especialmente ingleses e estadunidenses, têm buscado refletir nos últimos anos sobre uma

geografia no contexto pós-fenomenológico (que está em franco debate entre filósofos), e o fazem deliberadamente para marcar a diferença em relação àquela fenomenologia do movimento humanista dos anos 1970, mas sobretudo para marcar a contemporaneidade de suas reflexões (LARSEN; JOHNSON, 2011).

Embora mantenham sua inspiração fundada no projeto de E. Husserl, M. Heidegger ou M. Merleau-Ponty, estão desdobrando ou deslizando as consequências do pensamento fenomenológico para além do pensamento moderno, onde ele está fundado (algo que os deleuzianos certamente sentem uma necessidade premente). Trata-se de problematizar aspectos não resolvidos pela fenomenologia, especialmente quando se pensa nas transformações sociais e nas novas formas de sociabilidade contemporânea, em contextos que não faziam parte do pensar daqueles filósofos, mas sem renunciar ao projeto fenomenológico. Por exemplo, James Ash (2012) destaca três diferenças básicas entre os dois projetos:

- 1) Uma fenomenologia não-correlacionista, que recoloca a questão da apreensão do mundo exterior: um pós-fenomenologista considera como objetos, forças e processos moldam e geram experiências, ao invés de ser a existência de um sujeito pré-existente;
- 2) A fenomenologia baseada no múltiplo ao invés do indivíduo: a fenomenologia sempre parte de um eu individual. Como difere a análise da experiência quando começa pelo “eu” ou pelo “nós”, como sugere a pós-fenomenologia?
- 3) Uma fenomenologia plástica: na esteira do questionamento sobre os limites entre mente e corpo, cultura e natureza, como pensar a natureza do corpo em termos plásticos (da forma material)? O que significa ser um corpo quando os limites entre pessoa e coisa são entendidos como uma questão de consistência e durabilidade em vez de fixidez e essência?

Essas questões estão sendo discutidas por filósofos franceses como Quentin Meillassoux (2008; 2012), Jean-Luc Nancy (1996), Catherine Malabou (2004; 2005), no questionamento do sujeito e as possibilidades de existência, o papel da tecnologia e as transformações do corpo e da própria ideia de ser humano, que reverberam na nossa experiência de ser-e-estar-no-mundo, ou na constituição do sujeito no mundo da vida.

Jovens geógrafos iniciaram muito recentemente o caminho de pensar, para a geografia, as consequências de tais questões, tais como Simpson (2009; 2012; 2013), Rose (2012), Wylie (2012). São questões fundamentais sobre a experiência geográfica contemporânea, a experiência dos lugares e o sentido das paisagens, temas tão caros à geografia humanista e que nas transformações tecnocientíficas do mundo contemporâneo são resignificados, especialmente nas fronteiras com a biotecnologia, as telecomunicações e o mundo globalizado.

A obra de Don Ihde é fecunda nesse sentido, aprofundando o papel da tecnologia no mundo vivido (IDHE, 1990), a experiência sonora (IDHE, 2007), as corporeidades tecnológicas (IDHE, 2010) e a experiência fenomenológica (IDHE, 2012). Na verdade, há uma aproximação latente entre as duas tendências, a deleuziana e esta da pós-fenomenologia, cada uma à sua maneira, buscando compreender as transformações no sujeito (no ser) e tendo a corporeidade e a tecnologia como contextos de reflexão imprescindíveis para pensar a condição humana na contemporaneidade.

Essas novas questões ainda estão sendo incorporadas e refletidas pelos geógrafos, sem uma reverberação no Brasil, especialmente pela especificidade de não termos interrompido, como no mundo anglo-saxão, o diálogo continuado com a fenomenologia, ou tê-la retomado há pouco como projeto epistemológico e ontológico para a geografia.


Isso é sintomático da contribuição ainda não avaliada, em sua inteireza, da fenomenologia do espaço heideggeriana, por exemplo, que passou ao longo das últimas décadas por sensíveis revelações e ampliação, especialmente no que tange ao sentido espacial de seu pensamento (MALPAS, 1999; 2007; YOUNG, 2000). Outros filósofos fenomenologistas e pós-fenomenologistas certamente serão objeto de estudo nos próximos anos, no esforço de pensar o papel da fenomenologia para além de uma corrente ou subcorrente, mas para uma geografia que ajude a compreender o mundo contemporâneo. A aproximação com filósofos e não geógrafos neste esforço coletivo é uma marca tanto no cenário internacional quanto brasileiro, e isso desenha uma agenda muito interessante para o futuro.

Nesse futuro, a fenomenologia parece ocupar um outro “lugar” no mapa da geografia contemporânea, tanto brasileira quanto internacional. Por muito tempo vista como algo datado, de um movimento anglo-saxão, a fenomenologia se afirma, ao lado do pensamento social e filosófico contemporâneo, como uma possibilidade para compreensão da experiência no mundo atual, suas angústias, crises e transformações. O pensamento fenomenológico, seja na revisitação contínua aos grandes filósofos, seja nas novas esteiras abertas pelos seus desdobramentos atuais (a pós-estruturalista deleuziana, ou a pós-fenomenologia), mostra-se pertinente e vigoroso para compreender as transformações na intimidade, na corporeidade e nas relações espaciais e sociais, bem como nas novas possibilidades de experiências espaciais que se descortinam diariamente.

Este cenário ainda é um esboço, em plena composição, e apresenta ainda muitas possibilidades de investigação e aprofundamento. No entanto, vejo-o como extremamente fecundo para a construção de uma geografia eminentemente fenomenológica, seja pelo aprofundamento do projeto fenomenológico do século XX, seja pela reflexão no

contexto das transformações na experiência contemporânea. O espaço desse horizonte de pensamento foi plenamente conquistado, e é a oportunidade de dialogarmos com maior intensidade e perseguimos este projeto, sem deixar de acompanhar as transformações sociais e espaciais atuais.

Nesse sentido, é necessário enfatizar o papel da geografia humanista enquanto movimento de renovação de toda a geografia. Se temos hoje esse horizonte cheio de possibilidades na geografia contemporânea, que se abre para a filosofia e o diálogo interdisciplinar, não há dúvidas de que pelo menos parte da responsabilidade é destes geógrafos que buscaram, num contexto de extrema especialização da geografia e de sérios embates políticos, cores humanistas para este fazer e pensar geográfico.

A geografia brasileira, no contexto mundial, possui um cenário peculiar de desenvolvimento dessas questões, com uma sinergia significativa entre essas várias tendências, tendo uma conexão mais recente entre estes diferentes movimentos e projetos epistemológicos. As possibilidades fenomenológicas ou pós-fenomenológicas vislumbradas atualmente são, certamente, tributárias desses percursos, e devem buscar responder às questões do nosso próprio tempo e lugar. 

REFERÊNCIAS

ADAMS, Susan. Introduction to post-phenomenology. *Thesis Eleven*, n.90, p.3-5, aug. 2007.

AMORIM FILHO, Oswaldo B. **Reflexões sobre as tendências teórico-metodológicas da geografia**. Belo Horizonte: IGC/UFMG, 1978.

_____. O contexto teórico do desenvolvimento dos estudos humanísticos e perceptivos na Geografia. In: _____. (Org.). **Percepção**

Fenomenologia e pós-fenomenologia: alternâncias e projeções do fazer geográfico humanista na geografia contemporânea
Eduardo Marandola Jr.

Ambiental: contexto teórico e aplicações ao tema urbano. 1ed. Belo Horizonte: Instituto de Geociências da UFMG, 1987, v. 1, p. 9-20.

_____. A Evolução do Pensamento Geográfico e a Fenomenologia. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v. 11, n.21-22, p. 67-87, 1999.

_____. Lívia de Oliveira: uma educadora explorando as fronteiras mais avançadas da geografia. **Geografia**, v. 31, p. 411-426, 2006.

ANDRADE, Manuel C. Tendências atuais da geografia brasileira. **Geonordeste**, n.2, p.14-23, 1985.

_____. **Geografia, ciência da sociedade:** uma introdução à análise do pensamento geográfico. São Paulo: Atlas, 1992.

ASH, James. Geography and post-phenomenology. **Esotechnics:** technology, theory, space. Posted abr. 2012. Disponível em: <<http://jamesash.co.uk/blog/?p=82>>.

BUTTNER, Anne. **Values in geography.** Washington: Association of American Geographers, 1974. 58p.

_____. Grasping the dynamism of lifeworld. **Annals of the Association of American Geographers**, Washington, v. 66, n. 2, p. 277-292, jun. 1976.

_____. Apreendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLETTI, A. (org.) **Perspectivas da geografia.** São Paulo: Difel, 1982.

CAZETTA, Valéria; OLIVEIRA JR., Wenceslao M. (Orgs.) **Grafias do espaço:** imagens da educação geográfica contemporânea. Campinas: Alínea, 2013.

CHIAPETTI, Rita Jaqueline N. **Na beleza do lugar, o rio das Contas indo... ao mar.** 2009. Tese (Doutorado em Geografia) — Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.

CLAVAL, Paul. A revolução pós-funcionalista e as concepções atuais da geografia. In: MENDONÇA, Francisco; KOSEL, Salete (Org.)

Elementos de epistemologia da geografia contemporânea. Curitiba: Ed. UFPR, 2002. p.11-43.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra:** natureza da realidade geográfica. (trad. Werther Holzer) São Paulo: Perspectiva, 2011.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido.** São Paulo: Perspectiva, 1974.

_____. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DE PAULA, Fernanda. **Constituições do habitar:** reassentamento do Jd. São Marcos para o Jd. Real. 2010. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

DEL RIO, Vicente; OLIVEIRA, Lívia. (orgs.) **Percepção ambiental:** a experiência brasileira. São Paulo: Studio Nobel, 1996.

DOWNS, Roger M. Geographic space perception: Past approaches and future prospects. **Progress in Geography**, v. 2, p. 66-108, 1970.

ENTRIKIN, J. Nicholas. Contemporary humanism in geography. **Annals of the Association American Geographers**, Washington, v. 66, n. 4, p. 615-632, dez. 1976.

_____. O humanismo contemporâneo em Geografia. **Boletim Geografia Teórica**, Rio Claro, v. 10, n. 19, p. 5-30, 1980.

GALLAIS, Jean. Alguns aspectos do Espaço vivido nas civilizações do mundo tropical. **Boletim Geográfico.** Rio de Janeiro, v. 35, n. 254, 1977.

GOMES, Paulo C. **Geografia e modernidade.** Rio de Janeiro: Bertrand, 1996.

GRATÃO, Lúcia H. B. **A poética d' "O Rio" – ARAGUAIA! De Cheias... &... Vazantes... (À) Luz da Imaginação!** 2002. 354p. Tese (Doutorado em Ciências: Geografia Física) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

HOLZER, Werther. **A geografia humanista: sua trajetória de 1950 a 1990.** 1992. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Fenomenologia e pós-fenomenologia: alternâncias e projeções do fazer geográfico humanista na geografia contemporânea
Eduardo Marandola Jr.

_____. A Geografia Humanista: uma revisão. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 3, p. 8-19, 1996.

_____. **Um estudo fenomenológico da paisagem e do lugar: a crônica dos viajantes no Brasil do século XVI**. 1998. Tese (Doutorado em Ciências: Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

_____. A Geografia fenomenológica de Eric Dardel. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto L. (orgs.) **Matrizes da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p.103-122.

_____. A Geografia Cultural e a História: uma leitura a partir da obra de Lowenthal. **Espaço e Cultura** (UERJ), Rio de Janeiro, p. 32-47, 2005.

_____. A influência de Eric Dardel na construção da Geografia Humanista Norte Americana. in: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 16, 2010. **Anais...** Porto Alegre: AGB, 2010a.

_____. O Método Fenomenológico: humanismo e a construção de uma nova Geografia. In: Rosendahl, Zeny; Corrêa, Roberto Lobato. (Org.). **Temas e Caminhos da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010b. p. 37-71.

_____. A construção de uma outra ontologia geográfica: a contribuição de Heidegger. **Geografia**, v. 35, p. 241-251, 2010c.

IDHE, Don. **Technology and the Lifeworld: From Garden to Earth**. Bloomington: Indiana University Press, 1990.

_____. **Listening and Voice: Phenomenologies of Sound**. Albany: State University of New York Press, 2007.

_____. **Postphenomenology and technoscience**. Albany: State University of New York Press, 2009.

_____. **Heidegger's Technologies: Postphenomenological Perspectives** (Perspectives in Continental Philosophy) Fordham University Press, 2010.

_____. **Experimental Phenomenology**. Albany: State University of New York, 2012.

JACKSON, Peter. **Maps of meaning: an introduction to cultural geography**. London: Routledge, 1989.

LARSEN, Soren C.; JOHNSON, Jay T. Toward an open sense of place: phenomenology, affinity, and the question of being. **Annals of the Association of American Geographers**, v.102, n.3, p.632-646, 2012.

LEY, David; SAMUELS, Marwyn S. (eds.) **Humanistic geography: prospects and problems**. Chicago: Maaroufa Press, 1978. 337p.

_____. Cultural/humanistic geography. **Progress in Human Geography**, v.5, n. 2, p. 249-257, June 1981.

_____. Cultural/humanistic geography. **Progress in Human Geography**, v. 9, n. 3, p. 415-423, set. 1985.

LIMA, Solange T. de. **Paisagens & ciganos**. 1996. 108p. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.

LOWENTHAL, David. Geography, experience and imagination: towards a geographical epistemology. **Annals of the Association of American Geographers**, Washington, v. 51, n. 3, p. 241-260, set. 1961.

_____. (Ed.). **Environmental perception and behavior**. Chicago: The University of Chicago, Department of Geography, 1967. [Research Paper 109]

_____. Pasttime, present place: landscape and memory, **Geographical Review**, Nova York, v. 65, n. 1, p. 1-36, jan. 1975.

_____. Finding valued landscapes. **Progress in Human Geography**, v. 2, n. 3, p. 373-418, mar. 1978.

_____. Geografia, experiência e imaginação: em direção a uma nova epistemologia geográfica. In: CHRISTOFOLETTI, A. (org.) **Perspectivas da geografia**. São Paulo: Difel, 1982. p. 103-141.

Fenomenologia e pós-fenomenologia: alternâncias e projeções do fazer geográfico humanista na geografia contemporânea
Eduardo Marandola Jr.

LYNCH, Kevin. **The image of the city**. Cambridge: MIT Press, 1960.

_____. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MALABOU, Catherine. **Le change Heidegger du fantastique en philosophie**. Paris: Leo Scheer, 2004.

_____. **La plasticité au soir de l'écriture**. Dialectique, destruction, déconstruction. Paris: Leo Scheer, 2005.

MALPAS, Jeff. **Place and Experience**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

_____. **Heidegger's topology: being, place, world**. Cambridge: MIT Press, 2007.

MARANDOLA JR, Eduardo. **Arqueologia fenomenológica: em busca da experiência**. Terra Livre, São Paulo, v. 2, n.25, p. 67-79, 2005.

_____. **Habitar em Risco: mobilidade e vulnerabilidade na experiência metropolitana**. 2008. 278f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

_____. Heidegger e o pensamento fenomenológico em Geografia: sobre os modos geográficos de existência. **Geografia**, v. 37, p. 81-94, 2012.

_____. Identidade e autenticidade dos lugares: o pensamento de Heidegger em *Place and placelessness*, de Edward Relph. **Geosul**, UFSC, 2013. [no prelo]

_____; GRATÃO, Lúcia H.B. Do sonho à memória: Lúcia de Oliveira e a geografia humanista no Brasil. **Geografia**, v. 12, n.2, p. 4-19, 2003.

_____; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lúcia (Orgs.) **Qual o espaço do lugar?** Geografia, Epistemologia, Fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço**. (Trad. Rogério Haesbaert) Rio de Janeiro: Bertrand, 2008.

McDOWELL, Linda. A transformação da geografia cultural. In: GREGORY, Derek. (Org.) **Geografia humana: sociedade, espaço e ciência social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. p.159-188.

MEILLASSOUX, Quentin. **After Finitude, An Essay on the Necessity of Contingency**. Paris: Seuil, 2008.

_____. **Après la finitude, essai sur l'absolu**. Paris: Seuil, 2012.

MEINING, Donald D.W. (ed.) **The interpretation of ordinary landscape: geographical essays**. Oxford: Oxford University Press, 1979.

MELLO, João B. F. **O Rio de Janeiro dos compositores da música popular brasileira — 1928/1991 — uma introdução à geografia humanística**. 1991. Dissertação (Mestrado em Geografia) — Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

_____. **Dos espaços da escuridão aos lugares de extrema luminosidade: o universo da estrela Marlene como palco e documento para a construção de conceitos geográficos**. 2000. Tese (Doutorado em Geografia) — Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

_____. Descortinando e (Re)pensando categorias espaciais com base na obra Yi-Fu Tuan.. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z.. (Org.). **Matrizes da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 87-101.

_____. Valores em Geografia e o dinamismo do mundo vivido na obra de Anne Buttmer. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, v. 19-20, p. 48-58, 2005.

MITCHELL, Don. **Cultural geography: a critical introduction**. Oxford: Blackwell, 2000.

MONTEIRO, Carlos A.F. A Geografia no Brasil ao longo do século XX: um panorama. **Borrador**, AGB-São Paulo, n.4, p.01-49, jul. 2002.

NANCY, Jean-Lucy. **Être singulier pluriel**. Paris: Galilee, 1996.

Fenomenologia e pós-fenomenologia: alternâncias e projeções do fazer geográfico humanista na geografia contemporânea
Eduardo Marandola Jr.

OLIVEIRA JUNIOR, Wenceslao M. Grafar o espaço, educar os olhos - rumo a geografias menores. **Pro-Posições**, v. 20, p. 7-19, 2009.

_____. Lugares geográficos e(m) locais narrativos: um modo de se aproximar das geografias de cinema. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia (Orgs.) **Qual o espaço do lugar?** Geografia, Epistemologia, Fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012. p.119-154.

REIS, Deyvid F. **A cidade do morador de rua e o morador de rua na cidade**. 2013. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) — Escola de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal Fluminense, Niterói.

RELPH, Edward C. **Place and placelessness**. Londres: Pion, 1976a.

_____. **The phenomenological foundations of geography**. Toronto: Department of Geography, University of Toronto, 1976b. [Discussion Paper Series n.21]

_____. Humanism, phenomenology, and geography, **Annals of the Association of American Geographers**, Washington, v. 67, n. 1, p. 177-179, 1977.

_____. As bases fenomenológicas da geografia. **Geografia**, v.4, n.7, p.1-25, abr. 1979.

_____. Geographical experiences and being-in-the-world: the phenomenological origins of geography. In: SEAMON, David; MUGERAUER, Robert (Eds.) **Dwelling, place & environment: towards a phenomenology of person and world**. New York: Columbia University Press, 1985. p. 15-31.

_____. Responsive methods, geographical imagination and the study of landscapes. In: KOBAYASHI, A. L.; MACKENZIE, S. (eds.) **Remaking human geography**. Boston: Unwin Hyman, 1989. p. 149-163.

_____. **Place and placelessness**. (Reimpressão) Londres: Pion, 2010.

_____. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia (Orgs.) **Qual o espaço do lugar?** Geografia, Epistemologia, Fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012. p.17-32.

ROSE, M. **Dwelling as marking and claiming**. **Environment and Planning D: Society and Space**, v. 30, n.5, p. 757-771, 2012.

ROWNTREE, Lester B. Cultural/humanistic geography, **Progress in Human Geography**, v. 10, n. 4, p. 580-586, set. 1987.

_____. Orthodoxy and new directions, **Progress in Human Geography**, v. 12, n. 4, p. 575-586, dez. 1988.

SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova**. São Paulo: Hucitec, 1978.

SILVA, Armando C. Fenomenologia e Geografia. **Orientação**, São Paulo, n.7, p.53-56, 1986.

SIMPSON, P. Ecologies of experience: Materiality, sociality, and the embodied experience of (street) performing. **Environment and Planning A**, v. 45, n.1, p. 180-196, 2013.

_____. Apprehending everyday rhythms: Rhythmanalysis, time-lapse photography, and the space-times of street performance'. **Cultural Geographies**, v.19, n.4, p. 423-445, 2012.

_____. Falling on Deaf Ears: a post-phenomenology of sonorous presence. **Environment and Planning A**, v. 41, n.11, p. 2556-2575, 2009. DOI: 10.1068/a41247.

TUAN, Yi-Fu. Topophilia; or, sudden encounter with the landscape, **Landscape**, v. 11, n. 1, p. 29-32, 1961.

_____. Geography, phenomenology and the study of human nature, **The Canadian Geographer/Le géographe canadien**, Montreal, v. 15, n. 3, p. 181-192, set. 1971.

_____. **Topophilia: a study of environmental perception, attitudes, and values**. Englewoods Cliffs: Prentice-Hall, 1974.

Fenomenologia e pós-fenomenologia: alternâncias e projeções do fazer geográfico humanista na geografia contemporânea
Eduardo Marandola Jr.

_____. Place: an experiential perspective, **Geographical Review**, Nova York, v. 65, n. 2, p. 151-165, abr. 1975a.

_____. Ambiguidades nas atitudes para com o meio-ambiente, **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 245, p. 5-23, 1975b.

_____. Humanistic geography, **Annals of the Association of American Geographers**, Washington, v. 66, n. 2, p. 266-276, jun. 1976.

_____. **Space and place: the perspective of experience**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1977.

_____. **Topolifia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. (Trad. Lívia de Oliveira) São Paulo: Difel, 1980.

_____. Geografia humanística. In: CHRISTOFOLETTI, A. (org.) **Perspectivas da geografia**. São Paulo: Difel, 1982. p.103-141.

_____. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. (Trad. Lívia de Oliveira) São Paulo: Difel, 1983.

_____. Cultural Geography: Glances Backward and Forward. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 94, n. 4, 2004.

_____. **Humanist geography**: An Individual's Search For Meaning. Virginia: George F. Thompson Publishing, 2012a.

_____. **Topolifia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. (trad. Lívia de Oliveira) Londrina: Eduel, 2012b.

WHITE, Gilbert F. **Choice of Adjustment to Floods**. Chicago: Department of Geography, University of Chicago, 1964. [Research Papers, No. 93]

WYLIE, J.W. Dwelling and Displacement: Tim Robinson and the Questions of Landscape. **Cultural Geographies**, v. 19, n. 3, p. 365-383, July, 2012.

YOUNG, Julian. What is dwelling? The homelessness of modernity and the worlding of the world. In: WRATHALL, Mark A. e MALPAS, Jeff. (eds.) **Heidegger, authenticity, and modernity**: essays in honor of Hubert L. Dreyfus. Massachusetts: The MIT Press, 2000. p. 187-203.

Submetido em Janeiro de 2013.

Aceito em Junho de 2013.